

## RETRATOS DO BRASIL

Alceu J. Gregory\*

Sousa, Celeste H. M. Ribeiro de. *Retratos do Brasil: hetero-imagens literárias alemãs*. São Paulo, Arte & Ciência, 1996, 240 p.

Mesmo ao maior dos poetas faltariam palavras para descrever este paraíso: o Brasil. Mil vivas aos rios, às florestas, aos montes, aos vales, às baías e praias, à fauna, ao índio, ao sol, à lua, às estrelas, à paisagem. Estamos voltando no tempo, ao jardim do Éden, aos tempos áureos, época em que o homem pela sua harmonia, justiça e paz vivia próximo dos deuses. Mas também aos tempos do Eldorado, em que o homem acreditou também se poder aproximar da felicidade dos deuses com a posse do ouro e do dinheiro.

Esta é uma das imagens do Brasil que escritores de cultura alemã projetaram e ainda projetam em sua literatura, conforme a leitura de 33 textos da literatura alemã, interpretados por Celeste Ribeiro de Sousa em *Retratos do Brasil*.

Agarrando-nos a esta impressão, poderíamos então nos orgulhar em sermos brasileiros e concluir que fazem bom juízo da gente. Errado. Nós, pelo contrário, não estamos, segundo eles, de modo geral, em sintonia com este paraíso. O que fazemos não é visto com bons olhos pelo “grande pai”. As nossas cidades representam um “locus horridus”, em meio ao “locus amoenus”. Nelas, corre o esgoto a céu aberto, crianças seminuas perambulam pelas ruas cheias de lixo, “bebuns”, prostitutas em botecos e bares mal construídos, a miséria se aglutina em meio às favelas, verdadeiros formigueiros humanos, uma gente sem cultura, comparável aos cães, às toupeiras e aos ratos de esgoto. Preguiçosos, andarilhos, foras-da-lei, sem trabalho sistemático, acentuatadamente eróticos e irresponsáveis, uma vez que não cuidam das suas “crias” e nem se preocupam com o crescimento populacional. O seu misticismo, suas superstições e crenças são, por assim dizer, a causa de sua miséria.

Este é, grosso modo, o perfil do brasileiro dentro de uma perspectiva literária alemã. Tocamos aqui nos dois extremos do Brasil: de um lado, o paraíso terrestre, de outro, o inferno para quem vive em suas cidades.

Estamos falando de uma obra, cujas pesquisas se fundamentam na imagologia, ramo da literatura comparada, que tem por objeto o estudo das ima-

---

\* Doutorando em Literatura Alemã – USP.

gens explícitas e implícitas em obras literárias ou que, de algum modo, estejam relacionadas com elas. Isto implica, entre outras coisas, em fazer um levantamento destas imagens, buscar sua gênese, analisar sua estrutura, sua função e repercussão, pretendendo apontar para visões distorcidas, generalizações escabrosas, imagens que se perpetuaram em função de um contexto histórico já ultrapassado, indo interferir, muitas vezes, diretamente na autoimagem de uma nação, onde podem funcionar como um meio de manipulação, à medida que induzem a uma postura de inferioridade, de culpabilidade, de passividade, fazendo com que uma nação acabe aceitando o estereótipo que lhe é imposto, tornando-se assim um empecilho para que um povo encontre a identidade que lhe é própria, pré-requisito de primeira ordem para viver justa e harmoniosamente com suas próprias diferenças e com as diferenças de outras nações.

Dentro deste contexto, a obra em pauta não vem concluir um assunto, mas sim dar o pontapé inicial. E nisto a autora foi muito feliz, principalmente ao questionar a postura de superioridade das personagens de cultura alemã frente às demais, formando um grupo à parte, que não se mistura com os estrangeiros, muito menos com os brasileiros. Enquanto estes são portadores de uma imagem geralmente negativa, corruptos, ingênuos, sem cultura, aqueles de cultura alemã são caracterizados positivamente. Sabem trabalhar a terra, analisar uma situação, localizar os problemas, viver em sintonia com a natureza. Apresentam, assim, uma postura paternalista também questionada pela autora.

Fica a impressão de que não temos direito à construção de cidades ou de evoluir diferentemente dos moldes europeus. É como se dissessem: “Nós de cultura alemã nunca tivemos um paraíso como este e se o tivéssemos tido, jamais o teríamos destruído, construímos tudo na mais perfeita ordem, a miséria jamais nos tocou, somos honestos, cultos e sábios”.

Este contraste de imagens, de um lado os brasileiros, formando uma raça nova pela sua intensa miscigenação, apresentando, no entanto, traços essencialmente negativos, e de outro lado, os alemães, portadores de uma autoimagem altamente positiva, me assusta. É como se estivessemos voltando ao século passado para discutir a superioridade das raças.

*Inéditos*